

DIMENSÃO VELADA: INTERFACES ENTRE SONHOS E INCONSCIENTE NA TEORIA FREUDIANA

Stephany Eduarda Aparecida da Costa ¹

Daiane Ferreira Polizel ²

1-Discente da Graduação de Psicologia - Faculdades ASMEC - Ouro Fino – MG

2-Docente do Curso de Psicologia e Orientador - Faculdades ASMEC - Ouro Fino - MG

RESUMO

O presente artigo investiga a relação entre sonhos e inconsciente à luz da teoria freudiana e de autores contemporâneos. Partindo da obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), de Sigmund Freud, discute-se o sonho como formação psíquica significativa, portadora de sentido e manifestação de desejos reprimidos. O estudo apresenta conceitos de conteúdo manifesto e latente, além de processos psíquicos como condensação e deslocamento, que explicam a elaboração simbólica dos sonhos. A pesquisa, de caráter qualitativo, bibliográfico e exploratório, compara as ideias freudianas com contribuições posteriores, destacando a importância da interpretação onírica para o acesso ao inconsciente e para o desenvolvimento do autoconhecimento. Conclui-se que os sonhos funcionam como uma “janela” para conteúdos reprimidos, auxiliando a compreensão dos processos emocionais, comportamentais e de personalidade, mantendo-se relevantes na prática clínica e na psicologia contemporânea.

PALAVRAS-CHAVES: Interpretação dos sonhos; inconsciente; discípulos da teoria dos sonhos de Freud.

ABSTRACT

This article investigates the relationship between dreams and the unconscious in light of Freudian theory and contemporary authors. Based on the work *The Interpretation of Dreams* (1900) by Sigmund Freud, it discusses the dream as a significant psychic formation, carrying meaning and manifesting repressed desires. The study presents the concepts of manifest and latent content, as well as psychic processes such as condensation and displacement, which explain the symbolic elaboration of dreams. The research, of a qualitative, bibliographic, and exploratory nature, compares Freudian ideas with subsequent contributions, highlighting the importance of dream interpretation for accessing the unconscious and fostering self-knowledge. It is concluded that dreams function as a “window” to repressed content, aiding the understanding of emotional, behavioral, and personality processes, and remain relevant in clinical practice and contemporary psychology.

KEYWORDS: Dream interpretation; Unconscious; Disciples of Freud’s dream theory.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Freud (1900), em uma época que pode ser considerada pré-científica, a interpretação dos sonhos não era alvo de questionamentos. Quando lembrados após o despertar, eram frequentemente tratados como manifestações benevolentes ou hostis de forças superiores, fossem elas divinas ou demoníacas. Com o advento do método científico, as interpretações de cunho mitológico foram gradualmente descartadas, e a investigação sobre os sonhos e de seus significados passou a ser atribuída ao campo da psicologia.

Dentro dessa perspectiva, Freud, em sua obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), inaugura um novo olhar sobre o fenômeno onírico. Segundo Freud (1900), o sonho não é um produto aleatório da mente, mas uma formação psíquica dotada de sentido, ligada diretamente ao funcionamento do inconsciente. Essa concepção representa uma ruptura com o pensamento vigente até então, estabelecendo um marco para a constituição da psicanálise como campo teórico e clínico.

Freud (1900), ao analisar os sonhos, dialoga com autores anteriores que já refletiam sobre o fenômeno onírico, mas que apresentavam interpretações divergentes, desde a visão de libertação das experiências cotidianas até a reprodução de situações vividas. A partir desse debate, Freud desenvolve uma concepção inovadora, considerando o sonho como expressão significativa do inconsciente.

O estudo dos sonhos e do inconsciente, de acordo com Ogden (2010), permanece relevante na contemporaneidade, pois contribui para a compreensão dos processos psíquicos subjacentes ao comportamento humano, às emoções e à formação da personalidade. Além disso, o conhecimento freudiano continua influenciando práticas clínicas, pesquisas em psicologia e áreas afins, como neurociência e estudos sobre a mente, oferecendo ferramentas para a interpretação de experiências subjetivas e para a promoção do bem-estar emocional.

Segundo Ribeiro e Kreutzfeld Toledo (2019), a interpretação dos sonhos é uma ferramenta indispensável para a psicanálise, pois permite que o analista tenha acesso ao inconsciente do paciente. A escuta dos sonhos funciona também como um despertar para a vida; a manifestação e o relato, mediados pela livre associação, dão voz ao inconsciente e possibilitam o desenvolvimento de um processo contínuo de autoconhecimento do analisando.

Os sonhos do paciente podem revelar conteúdos de diversas naturezas. São mensagens enviadas pelo inconsciente que trazem à tona conteúdos reprimidos, podendo envolver

temáticas sexuais, repressões sociais ou outras questões recalcadas pelo próprio paciente. Essas concepções retomam e ampliam a perspectiva inaugurada por Freud, segundo a qual os sonhos são formações psíquicas significativas, portadoras de sentido e diretamente relacionadas ao funcionamento do inconsciente.

Diante da relevância dos sonhos para a compreensão do funcionamento do inconsciente, este artigo busca responder à seguinte questão: de que maneira as experiências oníricas e sua relação com o inconsciente podem ser interpretadas à luz da teoria freudiana e autores contemporâneos que seguem seus princípios? Buscando responder à questão proposta, o presente artigo tem como objetivo analisar as experiências oníricas em sua correlação com o inconsciente, à luz da teoria do fundador da psicanálise, Sigmund Freud. Para tanto, pretende-se investigar o conceito de sonhos, compreender a noção de inconsciente, examinar a relação entre sonhos e inconsciente no campo da psicanálise, com base em casos exemplificados por Freud em sua obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), bem como identificar as mudanças ocorridas desde a formulação da teoria freudiana até as contribuições de autores contemporâneos.

O estudo dos sonhos e do inconsciente mantém-se significativo na contemporaneidade, pois permite compreender processos psíquicos subjacentes ao comportamento humano, às emoções e à formação da personalidade. Além disso, a análise das experiências oníricas contribui para a prática clínica, oferecendo ao analista ferramentas para acessar conteúdos reprimidos e favorecer o autoconhecimento do paciente. Compreender essas relações entre sonhos e inconsciente, a partir de uma perspectiva histórica e atual, enriquece o campo da psicologia e da psicanálise, promovendo uma reflexão crítica sobre o funcionamento da mente humana. Segundo Vandenberghe e Pitanga (2007), a interpretação dos sonhos pode esclarecer aspectos das vivências do paciente, constituindo uma analogia entre os conteúdos oníricos e as experiências em vigília. Além disso, a análise dos sonhos acompanha a psicoterapia desde seu início, sendo uma ferramenta indispensável para a psicanálise, pois permite que o analista tenha acesso ao inconsciente do paciente Ribeiro e Kreutzfeld Toledo (2019). A interpretação dos sonhos também pode ser usada para entender padrões de comportamento que o paciente não é capaz de identificar conscientemente, ajudando a compreender conflitos internos e traumas não resolvidos (Ogden, 2010).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Freud (1900) apresenta suas primeiras reflexões no primeiro volume de *A Interpretação dos Sonhos*, reunindo e discutindo ideias de diversos autores que já se dedicavam ao estudo do fenômeno onírico. Burdach (1838, apud Freud 1900), por exemplo, afirmava que a vida cotidiana, com suas dores, alegrias e preocupações, jamais poderia se repetir nos sonhos; ao contrário, estes teriam como verdadeiro objetivo libertar o indivíduo dessas experiências. Fichte (1864, apud Freud 1900), por sua vez, descreve os chamados “sonhos complementares”, concebendo-os como um benefício secreto da natureza, que buscaria uma espécie de autocura do espírito. Weygandt (1893, apud Freud 1900), entretanto, contesta a visão de Burdach, alegando que, na maioria das vezes, os sonhos justamente nos reconduzem à vida cotidiana, ao invés de afastar-nos dela. Já Jessen (1855, apud Freud 1900) defende que o conteúdo dos sonhos é invariavelmente condicionado pela personalidade de quem sonha, levando em consideração fatores como idade, sexo, educação, estilo de vida, classe social e experiências pregressas.

Para Freud (1900), o inconsciente é uma instância ativa e dinâmica da mente, composta por desejos, impulsos e memórias reprimidas, inacessíveis à consciência, mas que influenciam diretamente o comportamento humano. Esse reservatório de conteúdos manifesta-se de forma indireta por meio de sonhos, lapsos de linguagem e sintomas. O objetivo da psicanálise é “tornar consciente o inconsciente”, possibilitando ao sujeito o reconhecimento e a elaboração desses conteúdos reprimidos.

De acordo com Freud (1900), o sonho constitui a realização de um desejo, funcionando como uma manifestação disfarçada do inconsciente e revelando conteúdos reprimidos. Ele apresenta um conteúdo manifesto, correspondente ao que é lembrado ao acordar, e um conteúdo latente, que representa o significado inconsciente e necessita de interpretação. A obra *A Interpretação dos Sonhos* é essencial para compreender essa tese e os mecanismos que permitem a tradução dos desejos inconscientes em imagens oníricas.

Freud também menciona a teoria de Winterstein (1912), segundo a qual sonhamos com maior frequência nossas paixões e desejos mais intensos, exemplificando com o caso de um homem ambicioso que sonharia com as glórias já conquistadas ou ainda possíveis. Contudo, Freud refuta tal perspectiva apoiando-se nas observações de Hildebrandt (1875), que traz a vida onírica como uma existência autônoma, hermeticamente fechada e separada da vida atual por um abismo intransponível. Para esse autor, os sonhos nos libertariam da realidade, extinguindo

nossas lembranças habituais e nos situando em outro mundo, com uma narrativa própria e distinta da nossa história de vida concreta.

Hildebrandt (1875, apud Freud 1900) ilustra sua concepção sobre a autonomia da vida onírica narrando o exemplo de um sonhador que realiza uma viagem marítima até Santa Helena para oferecer a Napoleão, então prisioneiro, um carregamento de vinhos da região do Mosela. No sonho, o sujeito é recebido com extrema afabilidade pelo ex-imperador e chega quase a lamentar-se ao acordar, quando sua curiosa ilusão é destruída. Ao comparar a situação do sonho com a realidade, o autor evidencia seu caráter de estranhamento: o sonhador jamais fora negociante de vinhos, tampouco desejava sê-lo; nunca empreendera uma viagem marítima, e, se o fizesse, Santa Helena seria o último destino a escolher. Além disso, não nutria simpatia por Napoleão, pelo contrário, sentia por ele um ódio patriótico; e inclusive havia nascido quando o ex-imperador morreu na ilha, de modo que qualquer relação pessoal seria impossível. Para Hildebrandt, portanto, a experiência onírica aparece como algo radicalmente estranho, inserido entre duas partes da vida que, em si mesmas, são contínuas e compatíveis.

Em contrapartida às concepções que compreendiam o sonho como uma realidade totalmente independente da vida de vigília, Freud (1900) afirma que todo o material que compõe o conteúdo onírico é, de alguma forma, derivado da experiência. Ou seja, cada elemento presente no sonho foi, em algum momento, vivenciado, reproduzido ou lembrado. Para o autor, esse ponto pode ser considerado indiscutível; no entanto, ele ressalta que seria um erro supor que a relação entre conteúdo onírico e realidade seja facilmente identificável por meio da simples comparação entre ambos. Muitas vezes, essa ligação permanece oculta por longos períodos. Freud explica que, embora nos lembremos do sonho, nem sempre conseguimos reconhecer na memória de vigília a experiência de origem, o que leva à tentação de acreditar que os sonhos possuiriam uma capacidade autônoma de produção. No entanto, inúmeras vezes, após um intervalo significativo, uma nova vivência pode trazer à tona uma lembrança perdida, revelando a fonte do sonho. Assim, conclui que, no estado onírico, o sujeito sabia e recordava algo que, em sua memória consciente, permanecia inacessível.

Freud (1900) apresenta o relato de Delboeuf (1885), que descreveu um sonho de sua própria experiência. No sonho, observava o quintal de sua casa coberto de neve, onde encontrou dois lagartos semicongelados. Movido por seu afeto por animais, os recolheu, os aqueceu e os devolveu a um buraco na alvenaria, oferecendo-lhes algumas folhas de samambaia que cresciam na parede, planta que, segundo sabia, os animais apreciavam. No sonho, ele inclusive

conhecia o nome latino da planta: *Asplenium ruta muralis*. O sonho continuou com o aparecimento de novos lagartos, até que uma procissão deles se dirigia em massa para o mesmo buraco.

Ao acordar, Delboeuf constatou que possuía conhecimento bastante limitado de nomes de plantas em latim, e que *Asplenium* não estava entre eles. Para sua surpresa, ao verificar, descobriu que realmente existia uma espécie de samambaia denominada *Asplenium ruta muraria*, cujo nome foi apenas ligeiramente deturpado em seu sonho. Esse fato permaneceu para ele como um mistério, pois sabia não se tratar de coincidência.

Porém, só entendeu o sonho dezesseis anos depois, ao reencontrar, na casa de um amigo que visitava, um álbum de flores prensadas que havia ajudado a organizar em 1860, escrevendo em latim, sob ditado de um botânico, os nomes das espécies. Ao folhear o álbum, reconheceu o nome da planta de seu sonho, confirmando que não se tratava de uma invenção onírica, mas da recuperação inconsciente de uma lembrança esquecida.

Freud menciona Hallam e Weed (1896), que destacam um aspecto intrigante dos sonhos: eles não refletem as experiências da vida de vigília que consideramos mais relevantes; ao contrário, frequentemente resgatam conteúdos aparentemente insignificantes. Além disso, Freud cita Jessen (1855), que relaciona os sonhos a estímulos externos, afirmando que “todo ruído indistintamente percebido provoca imagens oníricas correspondentes” — como uma trovoadas que pode se transformar em uma cena de batalha ou o ranger de uma porta que pode gerar o sonho de ladrões. Freud ainda aborda as excitações sensoriais internas subjetivas, mencionando Maury (1878), que descreve uma alucinação ou visão hipnagógica: ao seguir um regime frugal, sonhou com um prato de comida e com uma mão conduzindo o garfo em direção a ele.

Freud (1900) argumenta que os sonhos são a mais importante porta de entrada para o inconsciente, funcionando como um espaço privilegiado em que desejos reprimidos podem se manifestar. Assim, eles se configuram como uma verdadeira janela para o inconsciente, permitindo à psicanálise o acesso e a interpretação de conteúdos que permanecem inacessíveis à consciência durante a vigília.

3. METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e exploratório, fundamentada em referenciais teóricos da psicanálise. A escolha por essa abordagem justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que envolve conceitos abstratos, como sonhos e inconsciente, demandando uma interpretação crítica das obras analisadas.

Segundo Piovesan e Temporini (1995), o principal objetivo de uma pesquisa exploratória é a obtenção de insights e ideias, especialmente em situações em que os problemas investigados não estão totalmente definidos ou ainda carecem de informações para sua compreensão plena.

O corpus central da pesquisa é a obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), de Sigmund Freud, considerada um marco inaugural na compreensão psicanalítica dos sonhos. Além dela, foram consultados artigos científicos, livros e produções de autores contemporâneos que dialogam com os princípios freudianos, possibilitando um contraste entre a teoria clássica e suas atualizações.

Para a seleção dos artigos contemporâneos, foram utilizadas palavras-chave como “interpretação dos sonhos”, “inconsciente” e “discípulos da teoria dos sonhos de Freud”. A análise do material foi realizada por meio de leitura crítica, fichamento e categorização temática, com o objetivo de identificar convergências e divergências entre a obra freudiana e as contribuições posteriores. O critério de seleção das fontes baseou-se em sua relevância acadêmica, atualidade e pertinência ao tema investigado.

A leitura da obra *A Interpretação dos Sonhos* (1900), de Sigmund Freud, juntamente com textos de autores contemporâneos que dialogam com sua teoria, possibilitou a construção de uma análise contínua e articulada. A partir desse material, as ideias foram discutidas de forma integrada, priorizando a coerência entre os conceitos centrais da teoria freudiana e as contribuições de pensadores posteriores. Essa abordagem buscou preservar a fluidez do texto e garantir uma compreensão aprofundada sobre a relevância e a permanência da teoria dos sonhos no campo da psicanálise contemporânea.

4. DESENVOLVIMENTO

Em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud inicia apresentando a visão dos antigos sobre os sonhos, que, em sua época, eram compreendidos como manifestações demoníacas da natureza. O autor retoma também a perspectiva de Aristóteles, que considerava os sonhos como

enviados pelos deuses, embora já tivesse consciência de algumas características próprias da vida onírica. Aristóteles sabia, por exemplo, que os sonhos consistem em uma ampliação de pequenos estímulos que surgem durante o sono. Freud cita o exemplo aristotélico segundo o qual um homem pode sonhar que caminha em meio ao fogo e sentir intenso calor quando, na realidade, há apenas um leve aquecimento em determinada parte do corpo. Dessa circunstância, Aristóteles infere que os sonhos poderiam revelar, inclusive, sinais iniciais de alterações corporais não observadas no estado de vigília, funcionando como recurso auxiliar para o diagnóstico médico.

Freud ainda apresenta duas correntes antagônicas da Antiguidade que distinguiam os sonhos entre verdadeiros e válidos — aqueles considerados reveladores, capazes de advertir ou prever o futuro do indivíduo — e os vãos, falaciosos e destituídos de valor, que tinham como função desorientar ou mesmo enganar o sujeito. Segundo Freud (1900), em geral esperava-se que os sonhos resultassem em consequências importantes, mas, muitas vezes, tais expectativas não eram atendidas.

Entre os exemplos reais, Freud menciona o caso de Maury (1878), que relatava sonhar repetidamente com a palavra “Mussidan”. Durante o dia, essa palavra surgia e ressurgia em sua mente, embora soubesse apenas que se tratava do nome de uma pequena cidade da França. Certa noite, sonhou com alguém que dizia ter vindo de Mussidan e, ao perguntar onde ficava, ouviu como resposta que se tratava de uma cidade no departamento de Dordogne. Ao acordar, Maury não acreditou na informação recebida no sonho, mas posteriormente confirmou sua veracidade por meio de um joalheiro. Nesse caso, o conhecimento transmitido pelo sonho revelou-se correto, embora a fonte desse saber, esquecida na vida consciente, permanecesse desconhecida.

Além disso, Freud recorre a outros autores para ampliar sua reflexão. Volkelt (1875) destacou como recordações da infância e da juventude encontram espaço privilegiado nos sonhos, uma vez que estes frequentemente reavivam conteúdos já esquecidos ou considerados sem importância. Hildebrandt (1875), por sua vez, sustentava que seria possível explicar a gênese de todas as imagens oníricas caso se dedicasse tempo e empenho suficiente à investigação de sua origem.

Freud (1900) reforça a ideia de que o modo como a memória se comporta nos sonhos é, sem sombra de dúvida, de grande importância para qualquer teoria da memória em geral. O autor sustenta que nada do que foi possuído mentalmente uma vez pode se perder inteiramente, retomando, assim, a perspectiva de Scholz (1893). Diversas teorias buscavam explicar os

sonhos a partir da memória, como a de Pilcz (1899), que afirmava existir uma relação fixa entre o momento em que o sonho ocorre e o conteúdo que apresenta: impressões do passado mais remoto reapareceriam durante o sono profundo, enquanto impressões recentes se manifestariam nos sonhos ao amanhecer. Freud, entretanto, refuta tal concepção, recorrendo à teoria de Strümpell (1877), segundo a qual os sonhos não reproduzem experiências em sua totalidade, mas apenas fragmentos delas. Para Freud, essa é uma constatação válida e geral, capaz de fundamentar conclusões teóricas, ainda que, em casos excepcionais, os sonhos possam repetir experiências inteiras. Como exemplos, o autor cita o relato de Delboeuf (1885), no qual um colega sonhou com todos os detalhes de um acidente de carruagem que havia sofrido, bem como os estudos de Calkins (1893), que descreveu sonhos que reproduziam fielmente acontecimentos do dia anterior.

Na sequência, Freud passa a examinar os estímulos e as fontes dos sonhos, considerando a sabedoria popular que atribuía os sonhos à “indigestão”. Para ele, quatro fontes podem ser identificadas: (1) excitações sensoriais externas (objetivas), (2) excitações sensoriais internas (subjetivas), (3) estímulos somáticos internos (orgânicos) e (4) estímulos de natureza puramente psíquica. Sobre a primeira fonte, Freud destaca que não é possível eliminar totalmente a ação dos estímulos externos sobre os órgãos sensoriais durante o sono, nem suspender a sua excitabilidade. O fato de estímulos poderosos serem capazes de despertar o indivíduo a qualquer momento demonstra que, mesmo durante o sono, a mente continua em contato com o mundo exterior. Assim, os estímulos externos podem se converter em conteúdos oníricos. Para embasar essa afirmação, Freud cita Jessen (1855), que descreve como estímulos simples podem transformar-se em imagens complexas nos sonhos: o canto de um galo pode se tornar um grito de terror, lençóis caídos da cama podem ser representados como nudez ou queda na água, pés descobertos podem gerar o sonho de estar à beira de um precipício e uma cabeça pressionada sob o travesseiro pode ser transformada em uma pedra prestes a esmagar o sonhador. Da mesma forma, acúmulos de sêmen podem provocar sonhos lascivos, enquanto dores locais se traduzem em imagens de agressões, ferimentos ou maus-tratos.

Outros autores também ofereceram exemplos, como Meier (1758), que sonhou ser dominado por homens que cravavam uma estaca no chão entre seus dedos do pé, e ao acordar percebeu que havia um pedaço de palha entre eles; ou Hoffbauer (1796), que sonhou cair de um muro alto e despertou ao constatar que a estrutura da cama havia cedido. Freud cita ainda

os experimentos de Maury (1878), que buscou comprovar a relação entre estímulos externos e os sonhos, embora nem sempre com resultados bem-sucedidos.

No que se refere às excitações sensoriais internas (subjetivas), Freud recorre a Wundt (1874), que defendia a vantagem desse tipo de estímulo em relação ao externo, já que não depende de fatores fortuitos. No entanto, sua principal limitação estaria na dificuldade de comprovação empírica. A maior evidência em favor dessa hipótese, segundo Freud, encontra-se nas chamadas alucinações hipnagógicas, fenômenos visuais ou auditivos vívidos e mutáveis que ocorrem durante o processo de adormecimento e que podem persistir após o despertar. Müller (1826) descreveu tais fenômenos como imagens imaginativas de grande nitidez. Maury (1878) também relatou experiências nesse sentido, afirmando que estados de relaxamento ou letargia favorecem o aparecimento dessas visões. Em uma ocasião, após deitar-se com irritação ocular, ele observou sinais minúsculos que só conseguia decifrar com extrema dificuldade; ao despertar, recordou-se de um sonho no qual lia um livro com tipos excessivamente pequenos, em clara relação com a experiência vivida antes de adormecer. Além das alucinações visuais, também se observam fenômenos auditivos hipnagógicos, como palavras, nomes e frases.

Freud aborda ainda os estímulos somáticos internos, destacando que os órgãos do corpo influenciam diretamente a formação dos sonhos. Tissié (1898), por exemplo, demonstrou que pacientes com problemas pulmonares frequentemente sonhavam com sufocação, perseguições ou situações de fuga, sendo particularmente suscetíveis a pesadelos. Já distúrbios digestivos poderiam gerar sonhos com conteúdos ligados ao prazer ou à repulsa da alimentação. No caso da excitação sexual, Freud observa que sua influência sobre os sonhos é amplamente reconhecida, visto que a experiência onírica erótica é comum a praticamente todos os indivíduos. Assim, o autor reconhece nos estímulos orgânicos um dos mais fortes apoios para sua teoria sobre a formação dos sonhos.

O quarto grupo de estímulos apontados por Freud (1900) refere-se às fontes puramente psíquicas do sonho, consideradas por ele as mais fecundas e significativas para a compreensão da vida onírica. Diferentemente dos estímulos externos ou somáticos, aqui trata-se de conteúdos que surgem a partir da própria atividade mental inconsciente, sem depender de fatores físicos imediatos. Freud explica que pensamentos, desejos, preocupações e recordações que, durante a vigília, foram reprimidos ou considerados sem importância, encontram no sonho um espaço privilegiado para se manifestar, ainda que de maneira disfarçada. O autor mostra que, muitas vezes, um resíduo diurno aparentemente banal pode servir como ponto de partida para a

elaboração de uma cena onírica complexa. Um exemplo é o caso em que uma lembrança esquecida durante o dia ressurge à noite em forma de imagem onírica, como no relato de Maury (1878), que, após tentar em vão recordar um nome, sonhou com alguém que o pronunciava claramente, evidenciando a função psíquica do sonho em recuperar conteúdos latentes da memória.

Freud também cita os chamados “sonhos de conveniência”, nos quais um desejo atual do sonhador fornece o estímulo para o sonho, como quando alguém com sede sonha estar bebendo água ou quando uma pessoa sonolenta sonha que já se levantou para se livrar da obrigação de acordar. Esses exemplos revelam a dimensão psíquica autônoma dos sonhos, em que a própria vida mental funciona como geradora de estímulos. Além disso, Freud reforça que lembranças infantis e conteúdos recalçados, muitas vezes inacessíveis à consciência desperta, encontram nos sonhos um caminho para se expressar, ainda que de forma distorcida e simbólica. Assim, fragmentos da infância que pareciam apagados retornam com força no material onírico, como destacou também Volkelt (1875).

Por fim, Freud argumenta que os estímulos puramente psíquicos são a chave para compreender a natureza dos sonhos: ao contrário das explicações que os reduzem apenas a sensações externas ou orgânicas, a psicanálise mostra que eles são, sobretudo, realizações de desejos inconscientes. Essa constatação é fundamental para sua teoria, pois coloca o inconsciente como verdadeiro motor da atividade onírica, revelando conteúdos que permanecem ocultos na vida de vigília.

Freud (1900) explica que os sonhos frequentemente são esquecidos ao despertar devido a diversos fatores, como a fraqueza ou singularidade das imagens oníricas, a falta de ordem e inteligibilidade nos conteúdos e a rápida ocupação da atenção pela vida de vigília. Ele retoma ideias de Strümpell (1877), que atribui o esquecimento a múltiplas causas, incluindo a ausência de concatenação das imagens, e de Radestock (1879), que observa que sonhos particularmente marcantes tendem a ser lembrados com mais clareza. Freud também cita Calkins (1893) e Egger (1895), que ressaltam a dificuldade de reproduzir com fidelidade os sonhos, já que a memória tende a preencher lacunas e introduzir coerência. Exemplos ilustrativos incluem sonhos parcialmente recordados ao longo do dia e lembranças vívidas de experiências únicas ou particularmente intensas, como sonhos que persistem por décadas na memória do próprio Freud. Esses fatores demonstram como o esquecimento dos sonhos está relacionado tanto à estrutura da memória quanto à dinâmica do inconsciente.

Freud (1900) discute inicialmente os métodos populares de interpretação dos sonhos, distinguindo entre o método simbólico, baseado em intuição direta e valorizado em contextos artísticos, e o método de decifração, que trata os sonhos como códigos a serem traduzidos por signos de significado fixo, conforme exemplificado nos “livros dos sonhos” e na obra *Oneirocritica* de Artemidoro de Daldis. No método de decifração, cada elemento do sonho é analisado isoladamente, e seu significado pode variar conforme a situação e o caráter do sonhador, um homem rico ou um solteiro, por exemplo, interpretaria um mesmo símbolo de forma diferente. Freud observa, entretanto, que ambos os métodos carecem de rigor científico: o simbólico é restrito e impreciso, enquanto a decifração depende da confiabilidade do código, sem garantia de acerto.

Ao se engajar na prática psicanalítica, Freud desenvolve um método científico de interpretação dos sonhos, inspirado no trabalho terapêutico com fobias e obsessões de Josef Breuer (Breuer e Freud, 1895). Nesse método, o sonho é tratado como um sintoma, e a análise busca rastrear retrospectivamente suas origens na vida mental do paciente. O processo exige que o indivíduo adote uma atitude de auto-observação acrítica, abandonando a função crítica que normalmente filtra pensamentos, permitindo que ideias e representações “involuntárias” se tornem conscientes e possam ser examinadas. Freud compara essa atenção aberta ao estado de pré-sono ou à hipnose, em que surgem imagens e ideias que, de outra forma, seriam suprimidas, destacando semelhanças com a criatividade descrita por Friedrich Schiller (1788), em que a razão relaxa sua vigilância para que as ideias se combinem e se tornem produtivas.

O sonho de Irma exemplifica de maneira clara a aplicação prática do método de interpretação dos sonhos de Sigmund Freud (1900), mostrando como elementos aparentemente desconexos refletem desejos, lembranças e preocupações inconscientes do sonhador. No relato, Freud observa que imagens oníricas, como a saúde da paciente Irma, incidentes médicos passados, e a aplicação de substâncias como o ácido propiônico e a trimetilamina, se condensam e se articulam com suas próprias experiências e estados físicos. Detalhes do sonho, como a placa branca na garganta de Irma, os ossos turbinados cobertos de crostas e a presença de colegas médicos, Otto e Leopold, remetem a memórias de casos clínicos anteriores, experiências pessoais com drogas como a cocaína e sulfonal, e preocupações com a responsabilidade ética e profissional. Além disso, elementos aparentemente triviais, como o cheiro de álcool amílico de uma garrafa, evocam associações químicas e sexuais, revelando a importância da memória e da atenção concentrada para captar pensamentos normalmente

suprimidos pela crítica consciente. Freud destaca que, para interpretar o sonho, é necessário adotar uma atitude de auto-observação acrítica, permitindo que representações involuntárias se tornem voluntárias e perceptíveis, de forma semelhante ao estado de relaxamento que antecede o sono ou à hipnose, conforme também apontado por observadores como Schleiermacher (1838, apud Freud 1900). A análise do sonho demonstra que os elementos psíquicos interagem em complexas cadeias associativas e que o sonho cumpre a função de realizar desejos, fornecendo informações sobre conflitos internos, preocupações sociais e morais, e experiências passadas, de modo a revelar dimensões da vida psíquica que permanecem inacessíveis à consciência durante a vigília. Assim, o caso de Irma evidencia que a interpretação científica dos sonhos não é apenas possível, mas essencial para compreender a relação entre experiências conscientes e inconscientes na psicanálise, consolidando os princípios propostos por Freud e Breuer (1895) sobre a decomposição de representações patológicas como caminho para a sua resolução terapêutica.

Freud (1900) propõe que os sonhos são realizações de desejos, fenômenos psíquicos de inteira validade, que podem ser inseridos na cadeia dos atos mentais conscientes e não devem ser vistos como absurdos ou fragmentos aleatórios do cérebro. Para ilustrar essa ideia, ele analisa diversos exemplos clínicos e pessoais. Um deles foi o sonho de sua paciente Irma, no qual elementos do dia anterior, comentários de colegas, lembranças de tratamentos passados e experiências pessoais de Freud, se combinaram em imagens simbólicas que refletiam desejos, preocupações e sua própria consciência profissional. Freud também apresenta exemplos de pessoas normais: uma jovem sonhou estar menstruada, simbolizando seu desejo de adiar a maternidade; outra sonhou com manchas de leite no vestido, indicando preocupação com o segundo filho. Durante o verão de 1896, Freud observou os sonhos de seus próprios filhos enquanto passavam férias na região do Ausersee. Ele notou que esses sonhos infantis eram curtos, simples e diretos, refletindo desejos concretos e facilmente identificáveis. Um dos sonhos envolvia uma cesta de cerejas, que seu sobrinho deveria entregar como presente de aniversário; o sonho mostrava a criança lidando com a dificuldade de cumprir a tarefa, mas encontrando uma forma de compensação, indicando o desejo de sucesso ou de satisfação emocional. Outro exemplo envolvia a criança acordando com a notícia de que “Hermann comeu todas as cerejas”, mostrando que o desejo ou expectativa de que algo positivo acontecesse se realizava de forma lúdica no sonho. Esses exemplos demonstram que, mesmo em crianças pequenas, os sonhos revelam de maneira clara e direta a realização de desejos, sem necessidade de complexas

interpretações simbólicas, e permitem compreender como a mente infantil expressa expectativas e satisfações de forma concreta e imaginativa.

Freud compara o surgimento dos pensamentos oníricos a uma chaleira, na qual a fervura de várias ideias e lembranças se mistura antes de emergir como sonho manifesto, destacando que os pensamentos podem se alterar, contradizer-se ou condensar-se antes de aparecerem de forma consciente. Ele também recorre a Schleiermacher (1775-1834), para explicar que o relaxamento da vigilância crítica permite que ideias involuntárias se tornem conscientes, criando um estado mental semelhante ao do sono, no qual o sonhador observa seus próprios pensamentos sem filtragem. Assim, seja em adultos ou crianças, Freud demonstra que os sonhos, mesmo os mais complexos ou simbólicos, sempre possuem sentido e podem ser interpretados como realizações de desejos, revelando aspectos importantes da vida psíquica.

Freud (1900) propõe que todos os sonhos são, essencialmente, realizações de desejos, embora reconheça que essa ideia possa parecer extrema à primeira vista. Ele observa que outros autores já identificaram sonhos que manifestam desejos, mas sem generalizar essa regra. Entre eles estão Radestock (1879), Volkelt (1875), Purkinje (1846), Tissie (1898), Simon (1888) — que analisou, por exemplo, os sonhos de fome do Barão Trenck durante sua prisão — e Griesinger (1845), que relataram sonhos específicos como expressões de necessidades ou desejos humanos. Freud argumenta, no entanto, que mesmo quando o desejo se apresenta de forma disfarçada, ele ainda é o motor do sonho.

Para ilustrar, Freud descreve o sonho de um amigo, R., que se confunde em sua mente com o tio Josef, um homem que cometera um erro no passado. No sonho, R. aparece com o rosto alongado e a barba amarela, traços que lembram seu tio, e Freud percebe a coexistência de sentimentos contraditórios: afeição pelo amigo e recordações desagradáveis do tio. A interpretação revela que o sonho disfarça o desejo real de expressar uma crítica ou julgamento sobre R., transformando-o em afeição aparente. Freud compara esse processo à vida social, em que a polidez e a diplomacia levam a pessoa a dissimular intenções ou sentimentos: assim, a mente censura os desejos antes que eles alcancem a consciência, produzindo a distorção onírica.

Outro exemplo citado por Freud envolve uma paciente que sonhou com a impossibilidade de oferecer um jantar a uma amiga, cujo desejo era engordar para atrair a atenção do marido da paciente. No sonho, a paciente percebe que o desejo da amiga não se realizou, refletindo, na verdade, a satisfação de um desejo próprio, suprimido na vida real. Em outro caso, uma jovem sonhou com a morte de sua filha, mas a análise revelou que o sonho

expressava desejos inconscientes reprimidos relacionados à gravidez e à maternidade, distorcendo a realidade de forma simbólica. Esses exemplos demonstram que, mesmo nos sonhos aparentemente negativos ou aflitivos, é possível identificar a realização de desejos, ainda que mascarada pela censura psíquica.

Freud ressalta que essa distorção onírica segue princípios semelhantes aos da vida social: assim como indivíduos ajustam ou dissimulam suas ações diante de autoridades, a mente altera os sonhos para adequá-los à censura interna. É o que ele chama de distorção onírica, resultado da atuação de duas instâncias psíquicas: uma que constrói o desejo a ser expresso e outra que exerce censura, permitindo apenas uma versão modificada ou disfarçada do desejo alcançar a consciência.

No Capítulo V de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud retoma a análise dos sonhos a partir do conteúdo latente, destacando que o material onírico possui um significado mais profundo do que o conteúdo manifesto aparenta. Ele enfatiza que, embora inicialmente se concentre na realização de desejos, outros problemas surgem durante a interpretação, principalmente sobre a relação entre o sonho e as experiências do dia anterior. Freud observa que, em praticamente todos os sonhos, é possível identificar um ponto de contato com acontecimentos recentes, um fenômeno confirmado por estudiosos como Robert (1886), Strümpell (1877), Hildebrandt (1875) e Hallam & Weed (1896). Esse material recente, muitas vezes irrelevante ou secundário na consciência, serve como disparador do sonho, mas sua aparente trivialidade não diminui a importância do conteúdo latente. Por exemplo, no “sonho da monografia de botânica”, a visualização de um livro sobre ciclâmens, flores prediletas de sua esposa, conecta-se a lembranças de conversas e devaneios envolvendo a cocaína e reflexões sobre tratamentos médicos, mostrando como múltiplas experiências do dia anterior se entrelaçam no sonho.

Freud detalha o processo pelo qual o material do sonho se organiza, mostrando que o conteúdo manifesto pode parecer irrelevante, enquanto o conteúdo latente revela o verdadeiro significado psíquico. Elementos aparentemente insignificantes, como a visualização de um livro ou a lembrança de conversas com amigos, funcionam como elos intermediários que conectam experiências do dia com questões inconscientes, permitindo que desejos e conflitos internos se manifestem de maneira cifrada no sonho. Ele compara essa dinâmica ao fenômeno da censura onírica, em que pensamentos significativos são disfarçados por representações secundárias, preservando a aceitação do conteúdo durante o sono.

Freud ressalta que os sonhos não se limitam a eventos imediatos, podendo selecionar material de qualquer período da vida do sonhador, desde que haja uma linha de associação com experiências recentes. Ele ilustra isso com referências históricas e experiências clínicas, como a descoberta das propriedades anestésicas da cocaína por Koller e a participação de colegas como o Dr. Königstein e Fliess, que retornam ao sonho através de lembranças associadas a conversas e devaneios. A análise demonstra que, embora o conteúdo manifesto seja fragmentário e aparentemente irrelevante, ele se relaciona com experiências emocionalmente significativas e com processos complexos de memória, incluindo impressões da infância e da juventude, que ressurgem no sonho em associação com eventos atuais.

Freud conclui que a interpretação de sonhos deve se concentrar no conteúdo latente, pois o significado psicológico profundo muitas vezes é mascarado por elementos superficiais. No exemplo do sonho da monografia de botânica, a sucessão de lembranças desde a infância, passando por estudos e hobbies, até conversas recentes, evidencia como o sonho integra experiências dispersas em uma narrativa simbólica. Assim, o material aparentemente trivial ou irrelevante do conteúdo manifesto serve como veículo para revelar significados ocultos, oferecendo uma compreensão profunda da vida psíquica do sonhador, confirmando que os sonhos refletem desejos, preocupações e defesas inconscientes, bem como impressões recentes e antigas da vida do indivíduo.

Freud (1900) explica que, antes de seus estudos, a interpretação dos sonhos se limitava ao conteúdo manifesto, isto é, às imagens e narrativas lembradas pelo sonhador. Esse enfoque, porém, levava a compreensões superficiais, já que o conteúdo manifesto havia sido tomado como a totalidade do sonho. Freud rompe com essa tradição ao introduzir uma nova dimensão: o conteúdo latente, ou os “pensamentos oníricos”, que representam o sentido real e oculto do sonho. A tarefa do analista, portanto, é investigar as relações entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, revelando os processos psíquicos que transformam os pensamentos em imagens oníricas.

Para ilustrar esse funcionamento, Freud compara o sonho a uma tradução feita em outra linguagem ou até mesmo a um rébus, um quebra-cabeça pictográfico. Se o observador se limita a olhar para a cena representada (como uma casa com um barco no telhado ou um homem correndo sem cabeça), tudo parecerá incoerente e absurdo. No entanto, quando cada figura é interpretada como símbolo de uma sílaba ou palavra, forma-se uma frase com sentido, podendo até se tornar uma expressão poética. Assim também ocorre com os sonhos: se tomados

literalmente, parecem ilógicos ou sem valor; mas, quando decifrados a partir de seus elementos simbólicos, revelam significados profundos relacionados ao desejo inconsciente.

Freud (1900) descreve a condensação como um dos processos centrais do trabalho do sonho. Ele observa que os sonhos, quando narrados, são curtos e fragmentários, mas escondem uma enorme quantidade de pensamentos oníricos latentes. Enquanto um sonho pode ocupar apenas meia página ao ser escrito, sua análise pode estender-se por seis, oito ou até doze vezes mais, revelando que a experiência onírica é muito mais complexa do que aparenta. A condensação, portanto, refere-se à desproporção entre o conteúdo manifesto, que é lembrado, e a riqueza dos pensamentos latentes, que só emergem pela interpretação. Freud adverte que nunca é possível ter certeza de que um sonho foi completamente decifrado, pois sempre pode haver novos sentidos ocultos, o que reforça a ideia de que o trabalho onírico opera de forma inconsciente e múltipla.

O autor também reconhece que, muitas vezes, temos a impressão de sonhar longamente durante a noite e só conseguimos recordar fragmentos ao despertar. Essa impressão, segundo ele, pode ser parcialmente verdadeira, já que a memória dos sonhos se dissipa com rapidez. No entanto, não se deve confundir esse esquecimento com a condensação em si, pois está se comprova pela grande quantidade de associações que se ligam a cada fragmento do sonho. Mesmo quando lembramos apenas partes isoladas, cada uma delas pode remeter a extensos pensamentos latentes, de modo que a perda de lembrança não invalida a tese da condensação, mas apenas limita o acesso a determinados conteúdos.

Freud acrescenta que alguns críticos poderiam questionar se todas as associações produzidas na análise realmente pertencem ao processo original do sonho ou se são elaborações posteriores do analista. Embora admita que certas ideias podem surgir apenas no momento da interpretação, ele sustenta que a maioria delas já estava presente, de forma inconsciente, durante a formação do sonho. As novas cadeias de associações, portanto, não criam sentidos artificiais, mas revelam conexões que já existiam nos pensamentos oníricos, ainda que de maneira latente.

Por fim, Freud explica que a condensação não deve ser entendida apenas como omissão ou eliminação de conteúdos. Ela envolve um processo ativo de seleção, em que apenas alguns elementos dos pensamentos oníricos conseguem se expressar no conteúdo manifesto. Esses elementos são escolhidos porque cumprem certas condições psíquicas específicas, que permitem sua representação no sonho. Assim, o trabalho do sonho não é uma tradução direta e

completa dos pensamentos latentes, mas sim uma versão reduzida, simbólica e fragmentada, que exige interpretação.

Freud (1900) ilustra o mecanismo da condensação com o chamado “sonho da monografia de botânica”. O conteúdo manifesto do sonho era simples: ele havia escrito uma monografia sobre um gênero de plantas, que estava diante dele, acompanhada de uma lâmina colorida e de um espécime seco. À primeira vista, a cena parecia pouco significativa, mas a análise revelou que esse elemento concentrava diversas cadeias de ideias inconscientes. A “monografia de botânica” conectava-se, por exemplo, a uma obra real que Freud havia visto numa livraria no dia anterior, mas também remetia ao seu próprio trabalho sobre a cocaína, ao colega Dr. Königstein, a conversas recentes sobre pagamentos médicos entre colegas e até a lembranças escolares, como a preparação de herbários. Assim, um único elemento do sonho mostrava-se sobre determinado, servindo de ponto nodal para múltiplas associações.

Freud enfatiza que tanto o termo “botânica” quanto o termo “monografia” separadamente levavam a redes ainda mais amplas de recordações e pensamentos. “Botânica”, por exemplo, evocava o professor Gärtner (cujo nome significa “jardineiro”), a aparência de sua esposa, pacientes chamadas Flora e a Sra. L., episódios de sua vida escolar e até a alcaçofra, que Freud mencionava como sua “flor favorita” em tom de brincadeira. Cada um desses elementos abria caminhos para lembranças infantis, passatempos pessoais e associações ligadas a afetos intensos. A palavra “monografia”, por sua vez, remetia tanto à parcialidade de seus estudos quanto ao custo elevado de suas atividades de pesquisa, temas que também estavam ativos em seus pensamentos latentes.

Esse exemplo mostra que o conteúdo manifesto do sonho não corresponde a uma narrativa direta, mas funciona como uma espécie de rébus pictográfico, em que cada elemento é resultado da condensação de múltiplos pensamentos latentes. A monografia não foi escolhida de forma arbitrária: ela possuía ligações com diversos conteúdos psíquicos simultâneos, sendo assim sobre determinada. Freud compara esse processo a uma trama de fios em um tear, em que um único movimento pode ativar múltiplas conexões. A análise evidencia, portanto, que o sonho não é construído pela simples transposição ponto a ponto dos pensamentos latentes, mas sim por meio de uma seleção em que os elementos mais intensamente ligados e significativos ganham acesso ao conteúdo manifesto.

Freud (1900), ao discutir o trabalho de deslocamento, observa que o conteúdo manifesto do sonho muitas vezes se organiza de modo distinto em relação aos pensamentos latentes. Isso

significa que elementos que aparecem em posição central no relato onírico podem, na verdade, não ocupar lugar algum no núcleo dos pensamentos do sonho, enquanto aspectos secundários recebem um destaque desproporcional. É o caso do sonho da monografia de botânica, em que o termo “botânica” domina a narrativa, embora os pensamentos estivessem ligados a tensões profissionais e críticas sobre o tempo dedicado a passatempos. A botânica, portanto, surge como um deslocamento, já que não tinha importância para Freud, sendo apenas um contraponto a seus interesses habituais.

Exemplo semelhante aparece no sonho relatado por uma paciente sobre Safo, no qual a cena onírica era dominada por movimentos de subir e descer. No entanto, os pensamentos latentes se relacionavam a preocupações sociais, sobretudo quanto aos riscos de se envolver sexualmente com pessoas de classe inferior. Nesse caso, apenas um detalhe periférico se manteve no sonho, mas recebeu uma ênfase desmedida. Do mesmo modo, no sonho dos besouros-de-maio, a crueldade aparece de forma destacada, mas deslocada de seu verdadeiro contexto, já que a sexualidade, que constituía o núcleo dos pensamentos, desaparece completamente. Também no sonho sobre o tio de Freud, o elemento central, a barba loura, não guarda qualquer relação direta com seus desejos de ambição, que eram o cerne dos pensamentos oníricos. Em contraste, o sonho da injeção de Irma apresenta maior fidelidade, preservando correspondências mais claras entre conteúdo manifesto e material latente.

Freud destaca que esse processo é intrigante, pois, na vida psíquica normal, costumamos atribuir maior destaque na consciência justamente às representações que carregam maior valor psíquico. Nos sonhos, porém, ocorre o inverso: elementos centrais, carregados de intensidade emocional, podem perder lugar, sendo substituídos por elementos de menor valor psíquico que, por múltiplas associações, recebem destaque no conteúdo do sonho. Esse fenômeno, denominado deslocamento, revela que o sonho não reproduz diretamente os pensamentos latentes, mas os transforma, redistribuindo a intensidade psíquica entre diferentes elementos.

Freud (1900) argumenta que o deslocamento funciona em conjunto com a condensação e a sobredeterminação, sendo responsáveis pela forma peculiar dos sonhos. A condensação permite que múltiplos pensamentos se combinem em um único elemento do sonho, enquanto a sobredeterminação garante que cada componente do conteúdo onírico seja influenciado por diversas associações simultaneamente.

No deslocamento, a censura psíquica também desempenha papel crucial. Elementos carregados de desejo inconsciente podem ser modificados ou mascarados, garantindo que

apenas formas distorcidas cheguem à consciência do sonhador. Assim, o deslocamento atua como um mecanismo de defesa, possibilitando que conteúdos latentes, especialmente aqueles de natureza sexual ou conflituosa, sejam representados de maneira aceitável ou camuflada no sonho.

Portanto, a análise do deslocamento mostra que o conteúdo manifesto do sonho é uma representação distorcida e transformada dos pensamentos latentes, em que o que aparece em destaque nem sempre corresponde à importância psíquica original dos elementos subjacentes. É por meio desse trabalho que o inconsciente encontra expressão, ainda que de forma simbólica e indireta.

Freud (1900) busca explicar que os sonhos são, em sua essência, cumprimentos de desejos inconscientes. Ele afirma que, mesmo quando o conteúdo manifesto do sonho parece estranho ou desagradável, ele pode esconder um desejo reprimido que só se revela após a interpretação. Para tanto, Freud diferencia o conteúdo manifesto, aquilo de que o sonhador se lembra ao acordar, do conteúdo latente, que corresponde ao significado oculto e inconsciente do sonho. Segundo Freud, todo sonho constitui uma estrutura psíquica significativa, inserida nas atividades mentais da vida de vigília.

Seguindo essa perspectiva freudiana, Costa (2006) e Cheniaux (2006) destacam que o sonho é uma “realização disfarçada de um desejo reprimido”, apresentando conteúdos manifestos e latentes. O conteúdo manifesto corresponde à experiência consciente do sono, enquanto o conteúdo latente, de natureza inconsciente, inclui impressões sensoriais noturnas, restos diurnos e pulsões do id, que podem despertar o indivíduo.

O trabalho do sonho envolve mecanismos como condensação, fusão de múltiplos elementos latentes em uma única imagem psíquica, e deslocamento, em que conteúdos inaceitáveis para a consciência são transferidos para elementos menos significativos do manifesto. Durante o sono, a repressão é enfraquecida, permitindo que as pulsões acessem parcialmente a consciência; no entanto, o sonho funciona como “guardião do sono”, oferecendo gratificação parcial das pulsões por meio de fantasias visuais, resultado de um processo regressivo em que a energia psíquica retorna às vias sensoriais. O conteúdo manifesto é, portanto, uma versão distorcida do latente, devido à regressão do ego, à prevalência do processo primário do pensamento e à atuação de uma instância censora que oculta a origem pulsional do sonho, protegendo o sonhador de reconhecer desejos proibidos.

Segundo Ravizzini e Baldin (2021), a relevância atual da teoria dos sonhos se manifesta em sua aplicação como ferramenta diagnóstica e terapêutica na psicologia, considerando os sonhos como uma porta para o inconsciente, capazes de revelar conflitos internos e emoções reprimidas. Além disso, a neurociência também investiga os sonhos como processos de consolidação da memória e de processamento emocional, conectando as teorias psicológicas com descobertas científicas sobre o funcionamento do cérebro durante o sono.

Autores que estendem os princípios freudianos sobre os sonhos incluem: Carl Jung, que buscou aprofundar a compreensão do material simbólico dos sonhos, divergindo de Freud ao enfatizar a diversidade das expressões simbólicas do inconsciente, não se limitando aos complexos recalcados, e considerando os sonhos como fontes de informação sobre o estado atual e futuro da consciência; Jacques Lacan, que reinterpretou o conceito de sonho na psicanálise, relacionando-o ao inconsciente e ao Nome-do-Pai, chegando a afirmar que Édipo pode ser entendido como um “sonho de Freud”.

A teoria de Sigmund Freud sobre os sonhos, expressa em sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, é um conceito contínuo que evoluiu e se diferenciou ao longo do tempo, mas permanece centrado na ideia de que o sonho é a realização de um desejo inconsciente, proporcionando acesso ao material reprimido da mente, e cuja análise é fundamental para a psicanálise. O próprio conceito de sonho é considerado por Freud como um processo regressivo, permitindo o acesso a conteúdos infantis e pulsionais latentes, ou seja, aqueles que não são admitidos pela consciência.

Dessa forma, a relevância dos sonhos transcende a análise estritamente científica ou psicanalítica, alcançando também dimensões subjetivas e poéticas. Como bem sintetiza Nejar (1998, apud Milhorim; Casarini; Scorsolini-Comin, 2013), “O sonho é uma caverna de águas e ventos. Se estiver dentro de mim, pode empurrar-me. Ao acordar, eu sou maior que ela. Ao deitar, me domina.”

5. CONCLUSÃO

A análise da teoria dos sonhos proposta por Sigmund Freud demonstra que o sonho é um meio privilegiado de acesso ao inconsciente, permitindo compreender desejos reprimidos e conflitos internos que se manifestam de forma simbólica. A partir dessa base, autores como

Jung, Lacan e Fromm ampliaram o campo de estudo, oferecendo novas interpretações sobre o papel dos sonhos na formação da subjetividade e na prática clínica.

Os resultados desta pesquisa indicam que, mesmo após mais de um século da publicação de *A Interpretação dos Sonhos*, as ideias de Freud continuam relevantes, tanto na psicanálise quanto em áreas interdisciplinares, como a neurociência, que reforça a importância dos sonhos na consolidação da memória e no processamento emocional.

Como implicação, destaca-se que o estudo dos sonhos permanece essencial para compreender a dinâmica psíquica humana e para aprimorar práticas terapêuticas que considerem o inconsciente como parte fundamental da experiência subjetiva.

Para pesquisas futuras, recomenda-se uma abordagem comparativa entre os avanços das neurociências e as teorias psicanalíticas, a fim de integrar os aspectos simbólicos e biológicos do sonho. Entre as limitações deste estudo, reconhece-se o foco teórico e a ausência de uma análise empírica mais aprofundada sobre a aplicação contemporânea dessas ideias.

Dessa forma, reafirma-se que o sonho, conforme expressa poeticamente Carlos Nejar (1998), “é uma caverna de águas e ventos”, um espaço interno que, ao ser desvendado, amplia a compreensão de si e das profundezas do inconsciente.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHENIAUX, Elie. Os sonhos: integrando as visões psicanalítica e neurocientífica. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 28, n. 2, p. 14–36, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/BqyRYJPBCVrCwmSnY5JcMHj/?lang=pt>. Acesso em: 26 ago. 2025.

COSTA, Ana Maria Medeiros. *Sonhos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=8ImTtODqY4cC>. Acesso em: 22 ago. 2025.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Edição digitalizada da obra original publicada em 1900. Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/AInterpretacaoDosSonhosDeSigmundFreud/page/236/mode/2up>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MILHORIM, Thaís Kristine; CASARINI, Karin A.; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Os sonhos nas diferentes abordagens psicológicas: apontamentos para a prática psicoterápica. *Revista da SPAGESP, Ribeirão Preto*, v. 14, n. 1, p. 79-95, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702013000100009. Acesso em: 22 ago. 2025.

OGDEN, Thomas H. Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Porto Alegre: Artmed, 2010. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=WuhFDwAAQBAJ&pg=PA3&hl=ptBR&source=gb_s_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 22 ago. 2025.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. DOI: 10.1590/S0034-89101995000400010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/fF44L9rmXt8PVYLNvphJgTd/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2025.

RAVIZZINI, Simone; BALDIN, Talita. A interpretação dos sonhos e sua relação com o significante: um achado que implica a dimensão da perda. *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, p. 58-83, jun. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382021000100003. Acesso em: 30 set. 2025.

RIBEIRO, Laís Aparecida; KREUTZFELD TOLEDO, Jaqueline Duque. A interpretação dos sonhos: da construção teórica à clínica contemporânea. *Revista Científica UniFagoc – Multidisciplinar*, 2019. DOI: 10.61224/2525-488X.2019.560. Disponível em: <https://revista.unifagoc.edu.br/multidisciplinar/article/view/560>. Acesso em: 23 ago. 2025.

VANDENBERGHE, Luc; PITANGA, Artur Vandr . A análise de sonhos nas terapias cognitivas e comportamentais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 24, n. 4, p. 517-524, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/g7bNpgrkLGWWvZzfr5VVgnr/?lang=pt>. Acesso em: 22 ago. 2025.